

O LEGADO DE SIMONDON: ALUSÕES E ADITAMENTOS

Mariah Brochado¹

Resumo:

Este texto apresenta noções medulares da obra de Gilbert Simondon, partindo de chaves hermenêuticas estratégicas para sua melhor compreensão, o que foi trazido pelas lentes de autores considerados referenciais nas pesquisas sobre técnica e tecnologia. A obra absolutamente genial de Simondon submete a rigoroso escrutínio as grandes indagações da “Civilização da Técnica”, considerando que a *tecnicidade* é um dado constitutivo do humano e não uma experiência subalternizada à contemplação- como sugerem diversas fontes da enciclopédia filosófica tradicional. Aqui será dado especial destaque à técnica como mediador potente da nossa ontogenia, eis que “manusear objetos” é, antes de tudo, nosso modo de acessar o mundo e transformá-lo. Os desafios presentes sobre o desenvolvimento tecnológico e nossa excessiva necessidade de artefatos que propiciem bem-estar imediato e hedonista, cujo pináculo é uma crescente hibridização humano-máquina, exigem leitura atenta das obras destinadas a restaurar e atualizar a Filosofia da Técnica (e da Tecnologia). Dentre elas, a obra de Gilbert Simondon é certamente um guia exemplar e venturoso para nossas rotas de pesquisa.

Palavras-Chave: Gilbert Simondon, tecnicidade, humanismo, filosofia da técnica, filosofia da tecnologia.

SIMONDON'S LEGACY: ALLUSIONS AND ADDENDA

Abstract:

This paper presents fundamental concepts from Gilbert Simondon's work, using hermeneutical keys to understand his thinking, based on important authors, considered references in research on technique and technology. Simondon analyses the great dilemmas of our civilization (characterized by technical progress), considering the “*technicité*” as constitutive element of our humanity, not merely an experience subordinate to contemplation- as proposed by various sources in the traditional philosophical encyclopedia. Here, special emphasis will be given to the technique as a powerful mediator of our ontogeny, once “handling objects” is, above all, our way of accessing the world and transforming it. The current challenges of technological development and our excessive need for artifacts that provide immediate and hedonistic well-being (tending towards human-machine hybridisation), requires a careful reading of works on the Philosophy of Technology. Among them, Gilbert Simondon's work is certainly an exemplary and fortunate guide for our research paths.

keywords: Gilbert Simondon, *technicité*, humanism, philosophy of technique, philosophy of technology.

¹ Professora Titular (*Catedrática/Full Professor*) de Filosofia do Direito e da Tecnologia na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Visitante no *Leibniz Institut für Medienforschung-Universität Hamburg*, Alemanha. Doutora em Filosofia do Direito pela UFMG, com Pós-Doutorado em Filosofia pela *Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg*, Alemanha. Coordenadora da Cátedra PHILOTECH - Filosofia da Tecnologia aplicada ao Direito Digital/Centro de Excelência Jean Monnet (União Europeia/UFMG). Diretora de Direitos Humanos do Instituto de Direito e Inteligência Artificial de Minas Gerais (IDEIA). Associada Honorária da União Ibero-Americana de Juízes (UIJ). Presidiu a Comissão de Inteligência Artificial no Direito da OAB-MG. Presidiu a Comissão que redigiu o Decreto Regulamentar da Ciência, Tecnologia e Inovação em Minas Gerais (Decreto 47.442, de 04 de julho de 2018) quando foi Secretária de Estado Adjunta de Casa Civil e Relações Institucionais de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5863-7360>. E-mail: mbrochado@gmail.com

Introdução

Críticas consistentes à filosofia tradicional, tais como as encontradas nas obras de Carl Mitcham (MITCHAM, 1994), Félix Duque (DUQUE, 1995), Giovanni Carrozzini (CARROZZINI, 2009) e Andrew Feenberg (FEENBERG, 2013), acusam-na de uma persistente postura: subjugar a atividade técnica em suas análises da *natureza* humana. Arestas *metafísicas* contra a importância da técnica teriam secundarizado esta temática, lançando-a em um limbo *epistemológico* do qual só foi resgatada por poucos autores que se dedicaram a mudar esta narrativa, dentre eles, Gilbert Simondon. Sua obra integra um novo repertório filosófico sobre a *experiência técnica*, o qual foi paulatinamente se formando a partir do século XIX como “Filosofia da Técnica” (inaugurada por Ernst Kapp), seguindo pelo século XX e consolidando-se no século XXI como “Filosofia da Tecnologia”. Esta vem reivindicando espaço entre as disciplinas tradicionais da enciclopédia dos saberes filosóficos, entendendo que a técnica não é um problema de *peritos* ou de ciências *aplicadas*, mas, especialmente no contexto deste século (já anunciado como “era tecnológica”), é questão posta com urgência ao crivo da crítica filosófica.

Filosofar sobre os impactos da técnica em nossa civilização é uma empreitada *epocal* (Lima Vaz) cujo propósito maior é compreender como seu estado da arte vem moldando nossa forma de *estar no mundo*, cada dia mais dependentes que somos de incontáveis artefatos digitais, cuja obsolescência crescente e a reiterada promessa de atualização em prol do bem-estar social se tornou verdade insuspeita. Mas, na verdade, trata-se de uma falácia que banaliza esta nova versão de *hedonismo*, agora alimentado por dispositivos *hightech* e pela rede mundial de computadores, radicalizando a inteiração *humano-máquina* como jamais se viu.

É neste contexto que um dossiê em homenagem a Simondon, intentando trazer o seu legado para refletirmos sobre estes e tantos outros desafios, torna-se absolutamente necessário e urgente. Principalmente porque a obra deste gigante da filosofia francesa do século XX foi pouco explorada nas pesquisas filosóficas no Brasil, preferindo-se (e prestigiando) outras, *v.g.*, as obras de Martin Heidegger e Gilles Deleuze (este, contemporâneo do nosso homenageado).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Com o propósito de contribuir para esta empreitada (única no Brasil) que vem reunir reflexões sobre a obra de Gilbert Simondon, este ensaio traz uma síntese panorâmica do seu pensamento, sem pretensão de resenhar seus trabalhos, aditando contrapontos de diversos autores que nos permitam acessar as ideias complexas que formam seu programa filosófico denso e arrebatador. Com Simondon, pretendemos refutar o equívoco de que a *contemplação* é a instância superior da alma. As habilidades *intelectivas*, *praxiológicas* e *poiéticas* do ser humano integram seu *metabolismo espiritual* (Lima Vaz) e sua compreensão deve transcender às investigações fragmentárias dos recortes (tecno)científicos, exigindo, portanto, o proceder filosófico, único capaz de tomá-las em diálogo.

A decomposição intencional das habilidades humanas pelo discurso da “neutralidade científica” é uma ideologia disfarçadamente desideologizada, capitaneada para propósitos estratégicos/políticos, omitindo-se o fato de que toda e qualquer realização tecnocientífica é, antes de tudo, *ação humana* em sua inteireza: racional (*finalística*) e livre (*ética*). O rigor do pensamento simondoniano é combustível necessário para nosso engajamento crítico contra esta e tantas outras armadilhas *tecnofílicas* que estanciam o imaginário coletivo neste início de século, seja dos *nativos* digitais, seja dos *nômades* digitais, prestando-se mais à nossa escravização técnica do que à nossa libertação pela Tecnologia.

1. *Tecnicidade* como cultura: esteio simondoniano para filosofar no século XXI

Gilbert Simondon nos apresenta uma concepção de técnica bastante inovadora, como ponto de equilíbrio integrante de um *sistema de fases* constitutivas da cultura. Segundo ele, a *fase técnica* da experiência humana nada mais é que uma *fase* da cultura que só pode ser concebida em *relação* às *outras* fases. Ele defende que a fase técnica substitui a fase *mágica*, primeira fase da *relação* entre o ser humano e o mundo. A fase mágica é duplicada pela técnica e esta povoa o mundo de *objetos técnicos* (ferramentas, instrumentos, indivíduos técnicos, como motores, montagens etc.) em substituição às *entidades místicas*. Ele adota o conceito de fases no sentido de sistema de fases da Física: não como momento temporal que se sucede a outro, mas como relação de equilíbrio e tensões recíprocas entre fases que só existem em relação entre si, sendo a realidade *completa* o sistema *atual* de todas as fases (SIMONDON, 2020b, p. 241).

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Na perspectiva sistêmica, fase é pensada como categoria *relacional*, não se confundindo com gênero ou espécie, e nem mesmo com dialética (como faz questão de ressaltar o próprio Simondon, ao cogitarem alguma similitude da sua proposta com o sistema hegeliano). O esquema que pensa o mundo em fases supõe um *centro neutro* de equilíbrio de todo o sistema no qual as fases só são equilibradas umas em relação às outras, jamais *em si* mesmas, a partir desse ponto neutro de equilíbrio de todo o sistema. A dialética, ao contrário, implica a *sucessão* necessária de ocorrências sob a intervenção da *negatividade* como motor do progresso; já o esquema de fases não só supõe um centro neutro de equilíbrio, como também só considera a oposição como situação de *defasagem* de alguma estrutura que deve ser reequilibrada no sistema, tal como foi a técnica em relação à religião (Simondon, 2020b, pp. 241-242).

É nesta noção de defasagem que Simondon (*Ibid.*, pp. 240-242) situa a *tecnicidade*, considerada “uma das duas fases fundamentais do modo de ser do conjunto constituído pelo homem e pelo mundo” e que resultou de “uma defasagem de um modo único, central e original de ser no mundo- o modo mágico”. Para ele (*Ibid.*, p. 236):

A tecnicidade que se manifesta pelo uso de objetos pode ser concebida como algo que aparece em uma estruturação que resolve provisoriamente os problemas levantados pela fase primitiva e original da relação do homem com o mundo. A essa primeira fase podemos dar o nome de fase mágica, tomando essa palavra no sentido mais lato e considerando o modo mágico de existência como aquele que é pré-técnico e pré-religioso, imediatamente acima de uma relação que seria simplesmente a do ser vivo com o seu meio.

Conforme entende Simondon, cada *objeto* técnico é um *ponto equidistante* que estabelece uma relação entre o humano e o mundo, situando as relações no plano da tecnicidade, a qual cria soluções e novos problemas (“de natureza técnica”) surgidos entre o homem e a natureza. Tais problemas, no entanto, exigem a solução de outros domínios, de outras fases da cultura. Nesse sentido, Simondon reconhece a tecnicidade como sendo um *valor cultural*, já que a cultura é o domínio em que o homem manifesta sua necessidade adaptativa e criativa em face do mundo que o rodeia, sendo a própria cultura produto do esforço humano em construir e criar condições [para sua existência], situação relacional originalmente humana (Carrozzini, 2009, pp. 38-39).

Símbolos culturais não são o que Simondon nos diz sobre cultura em si mesma, sua integralidade. Não se deve confundir cultura, portanto, com os *meios de expressão* da cultura, pois esta tem por propósito buscar efetivamente *solucionar* os problemas humanos em si. Ela não é uma *consumidora* de meios; ela é a própria *forma de conexão* entre as condições orgânicas e técnicas que integram a humanidade. Explicamos. Todo ser humano em sua existência é ou *organismo* ou *técnico*, mas não simultaneamente, cabendo à cultura *compatibilizar* essas duas formas de vida que se apresentam como *alternância* e entre as quais a existência humana exige integração. Conforme detecta Simondon (2020a, pp. 509-510): “Todas as culturas dão uma resposta a esse problema de compatibilidade em termos particulares”, peculiares a cada cultura, uma vez que nela (*Id., Ibid.*, p. 510) o poder de simbolizar

[...] não se esgota numa promoção do orgânico nem numa expressão do técnico, [pois] ela é sensível ao aspecto problemático da existência; ela busca o que é humano, ou seja, aquilo que, ao invés de cumprir-se por si mesmo e automaticamente, necessita de um questionamento do homem por si mesmo no retorno de causalidade da reflexão e da consciência de si; é no encontro do obstáculo que a necessidade da cultura se manifesta.

O *obstáculo* é, nesse sentido, o *motor* do trajeto da consciência humana rumo à apreensão de si mesma. E os obstáculos são questionamentos a serem respondidos e *ultrapassados*, razão por que a tecnicidade é um dado constitutivo indiscutível da *liberdade* humana. A *tecnicidade*, como assinala Rodríguez (2020b, p. 29-30), tal como a *religiosidade* e a *esteticidade*, é um modo de nos relacionarmos com o mundo ...

[...] no qual o homem aspira a concretizar problemas práticos em elementos portáteis, transportáveis de um ponto a outro, de um estilo de raciocínio a outro [e] na genealogia da tecnicidade existem os elementos técnicos (as ferramentas utilizadas pelo corpo humano), os indivíduos técnicos (as máquinas que dispensam esses corpos) e os conjuntos técnicos (as oficinas, estaleiros, fábricas etc.), que reúnem elementos e indivíduos técnicos. O momento industrial do Ocidente suprimiu a centralidade do corpo humano nessa tríade e concentrou toda a sua energia na consolidação de indivíduos técnicos.

Uma questão pode ser aqui aditada para compreendermos melhor a noção simondoniana de tecnicidade: trata-se, no caso dela, de um *ideal abstratificado*? A provocação materialista de Jacques Ellul (1968) nos leva a indagar se não há, por assim dizer, algo de “idealismo tecnicizado” na obra do nosso homenageado, quando ele invoca a tecnicidade como categoria do humano, e não a experiência técnica concreta dos seres humanos *reais*,

historicamente situados, supervalorizando a técnica num esquema, talvez, tão abstratificado quanto a contemplação metafísica que pretendemos refutar. Então, vejamos.

Não podemos desconsiderar que os *obstáculos* podem decorrer precisamente da penetração da técnica na vida social como um processo que está sempre em busca de *resultado*. Significa dizer que a própria técnica *nos impõe* obstáculos por sua ínsita demanda por resultado. Ora, a busca por resultados em um mundo *empiricamente* situado pode ser a *escravização* do espírito humano. Nesse sentido, Ellul (1968, p. 407) nos traz a questão da *abstratificação* romantizada em muitas leituras idealizadas a propósito da infinita *adaptabilidade* do ser humano.

A capacidade de adaptação é sempre referida como uma característica constante e superior da nossa espécie; afinal, não se pode negar, segundo ele (*Ibid.*, p. 407) o fato de que “o homem já se adaptou a tantas situações, a condições diversas e opostas, e as superou sem perder sua vida pessoal”. Ellul se opõe a esta convicção, advertindo-nos de que devemos nos preocupar com os homens reais, historicamente situados, e não com uma *humanidade* abstrata que sobreviva às custas de escravidões individuais. Assim conclui (*Ibid.*, p. 407): “Estou perfeitamente convencido da adaptabilidade do homem, muito menos, no entanto, de seus resultados no que se refere aos homens concretos. E tenho a fraqueza de interessar-me muito mais pelos homens do que por esse Homem que não existe, imagem e distração”.

Na leitura de Ellul, quando a técnica penetra a vida dos homens *situados* historicamente, ela *choca* constantemente o homem por sua própria natureza *pragmática*, sempre objetivando um *resultado*, de modo que não é possível a desenvoltura da técnica com homens absolutamente *livres*. Há uma *submissão* necessária para que a técnica atinja seu *fim*, sempre como *previsão* necessária e *exatidão* da previsão. O *ser técnico* tem essa índole. Como pondera Ellul (*Ibid.*, p. 140):

É preciso então que a técnica prevaleça sobre o homem [sua liberdade]; é uma questão de vida ou morte. É preciso que a técnica reduza o homem a ser um animal técnico, rei dos escravos técnicos. Não há fantasia que se mantenha diante dessa necessidade, não é possível a autonomia do homem em face da autonomia técnica. O homem deve então ser trabalhado pelas técnicas, seja negativamente (técnicas de conhecimento do homem), seja positivamente (adaptação do homem ao quadro técnico).

Para Ellul, a técnica atinge seu ápice no *condicionamento* do comportamento humano no famoso binômio *homem-máquina*, que ele aponta ironicamente como a “*fórmula*

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

do futuro”. Nesse acoplamento do homem com a máquina surge um homem *novo*, e este não pode ser entendido como *vanguarda* de suas máquinas a partir da *crença* de que a máquina sempre irá se adaptar ao desejo do homem. Pelo contrário, o homem *já está* adaptado à máquina e é *a este homem* (já adaptado) que se adaptam novos aparelhos, tarefa que nunca foi fácil ao homem, que teve de abdicar do seu *ser fisiológico* para responder às exigências técnicas. Nessa perspectiva, ele (*Ibid.*, p. 141) cita experiências bastante concretas, às quais eram submetidos os pilotos em treinamento nos EUA à época em que ele escreveu, na década de 1960:

A centrífugadora, na qual o piloto é colocado até o desmaio para medir sua resistência à aceleração, as catapultas, os balanços, os caixões a vácuo, etc., onde o homem sofre as mais incríveis torturas para saber se resiste, se é capaz de conduzir as novas máquinas. O organismo humano é um organismo imperfeito, isso é demonstrado por semelhantes experiências. Os sofrimentos que o homem suporta nesses “laboratórios” são considerados como “desfalecimentos biológicos” que é preciso conseguir eliminar.

A ingênua ideia de *adaptação* da máquina às necessidades humanas não considera o alto grau de adaptabilidade *do homem* à máquina, o que torna cada vez mais fácil e *imperceptível* a adaptação inversa: não da máquina ao homem, mas **do homem à máquina**. A começar pelo operário, que se sentia mal pelo trabalho em cadeia, *despersonalizando-se* no exercício das atividades *repetitivas* de montagem, matando sua criatividade, seu poder de iniciativa. O operário foi, na verdade, *modelado* pelo trabalho, sendo mecanizado, assimilado [no sentido de absorvido], *privado* de responsabilidades sobre o seu fazer *mecânico*, não procurando mais assumir riscos. E por *medo* de mudar aquilo a que já tinha se *adaptado*, passou a necessitar, passou até mesmo a depender desse trabalho que *inicialmente* lhe era penoso, contrário à sua natureza *criativa*. Sobre a intensa adaptabilidade humana às máquinas, Ellul (*Ibid.*, p. 405-406) menciona novamente o caso dos pilotos:

Sabe-se das dificuldades dos pilotos de aviões muito modernos em mudar de aparelho, e do grave problema dos pilotos já provados cada vez que ocorre uma modificação no tipo de avião. Encontramos aqui um condicionamento muito rigoroso do homem pela técnica. Quanto mais se leva em conta o homem no desenvolvimento técnico, mais esse homem se acha inserido nesse desenvolvimento, a ele ligado, embora não lhe seja subordinado, porém superordenado. Essa superordenação, admitindo-se a hipótese mais favorável, não é uma libertação do homem, que, a rigor, não pode mais escapar da ordem técnica. Está, para essa ordem, na mesma relação em que, no sistema marxista, a

superestrutura encontra-se em relação à infra-estrutura. Esse homem literalmente não mais existe a não ser em relação à sua infra-estrutura técnica.

As advertências de Ellul talvez nos deem boas pistas para uma leitura crítica e atualizada de Simondon. Seguimos agora para uma análise mais detida da *tecnicidade* como experiência *mediadora* que leva o ser humano a descobrir-se como *consciência*, rumo a uma versão simondoniana de *filosofia humanista*.

2. A técnica entre as *dimensões da inteligência e variações da racionalidade*:

É tradicional no hegelianismo a abordagem da consciência como a que *consome* objetos no entorno de sua existência. E nesta relação é que a consciência descobre a *outra* consciência igual a si, pois esta outra consciência está no plano do *inconsumível* - não sendo, portanto, objeto, mas igualmente consciência. No entanto, Simondon exalta a importância do “confeccionar produtos técnicos” como forma de descoberta da própria essência humana. Vale dizer, a atividade técnica não é apenas uma atividade *mecânica*; ela é a atividade *mediadora* que possibilita o humano descobrir-se como ser *diferenciado* entre as outras existências.

Eis por que Simondon entende que a filosofia não pode seguir centrada no humano despojado do seu *fazer*, omitindo sua existência técnica, falha grave do humanismo que ignora a *essência* técnica do humano, secundarizando a reflexão sobre o fenômeno técnico como tema marginal. Fruto do preconceito *antitécnico* decorrente da famosa separação que a Modernidade inaugurou entre esfera estética e esfera técnica (o que no mundo antigo era de certa forma indiscernível, como veremos em seguida), a ruptura entre *arte* e *técnica* relega o *objeto técnico* ao plano da mera *utilidade*. O *objeto estético*, por sua vez, passa a ser reconhecido como produção cultural *elevada*, expressão autoral irrepetível do humano.

Nesta separação artificial reside uma *apaideusia* indesculpável, tal como delata Pablo Esteban Rodriguez (2020, p. 24): ela despreza que “existem fatos estéticos nos objetos técnicos e fatos utilitários nos objetos estéticos”. Basta pensarmos no *design* gráfico e no *design* industrial, na beleza de postes que sustentam linhas de cabos ou nas velas dos navios. Como provoca Pablo Esteban Rodríguez (*Ibid.*, p. 25),

[...] um mosteiro construído em cima de um promontório não obedece à necessidade do homem de se aproximar de Deus ou de criar um sistema de defesa contra ataques externos, mas expressa a força do promontório e a do mosteiro, que por sua vez faz

do promontório algo diferente de um mero acidente geográfico. Um carro que ruga correndo à velocidade de uma metralhadora é mais bonito que a Vitória de Samotrácia¹.

Esta forma de pensar a *operação técnica* a eleva, razão pela qual Simondon opta pelo termo **tecnicidade** (em nós), a qual integra o *ethos* humano tal como as regras da razão prática (*praxis ética*) o integram. Aqui também é oportuno apresentar mais um contraponto ao pensamento simondoniano. Via de regra, quando discutimos a *praxis* humana nos moldes da filosofia tradicional, tendemos a considerá-la experiência elevada do espírito, que não atua por mero *instinto*, mas sempre postulando *fins* para si, o que firma nossa natureza *transcendente*.

Discutir nossa humanidade importa em situá-la num *ethos* não *determinístico* que o ser humano constrói para si, indo além da experiência empírica. A tecnicidade integra este *ethos* como *praxis* humana que *postula* fins e *elege* meios para alcançá-los. Mas, e quanto à *responsabilização* pelas consequências de nossas ações, pelas opções que elegemos *livremente* - um “obrigar-se livremente”, como resume nosso próximo interlocutor, Padre Vaz?

Importa discutirmos as distinções entre ação *prática* e ação *poiética*, conforme o legado da tradição filosófica grega, para que possamos compreender melhor onde reside o desapareço da metafísica pela experiência técnica e como esta pode ser trazida de volta à sua condição *praxeológica* essencial.

Representando a excelência filosófica brasileira, arquiteto de um programa de Ética Filosófica absolutamente original e erudito, Henrique Cláudio de Lima Vaz é nosso porto seguro na tentativa de estabelecer um diálogo possível entre *tecnicidade* (Simondon) e *eticidade* (Hegel). Como ele preleciona (Vaz, 1993, p. 74), toda e qualquer ação humana é *praxis ética* “ordenada ao fim da sua própria perfeição (*enérgeia*) ou da sua bondade (*areté*)”; e é no interior do *ethos* que a ação *universalmente* postulada se realiza como *praxis* efetiva, liberdade *realizada*. Como o *operar técnico*, que é o *manejo* da realidade, experiência determinada empiricamente, se situa no movimento do *ethos* humano (*eticidade*)?

Na esteira hegeliana, Lima Vaz (*Ibid.*, p. 74-75) nos ensina que “toda ‘determinação’ é passagem lógica- ou dialética- do universal ao particular e do particular ao singular que se determina então não como o indivíduo empírico, mas como universal concreto”.

Como nos previne (*Ibid.*, p. 75), “no *ethos* [humano] estão presentes os fins da ação ética, mas esses fins não alcançarão efetividade real senão enquanto realizados na ação como perfeição ou *areté* do sujeito ético” (...). De modo que há uma “relação entre o *ethos* e a *praxis* como movimento dialético de autodeterminação do universal, ou como passagem logicamente articulada do *ethos* como costume à ação ética pela mediação do *ethos* como hábito (*hexis*)”.

Não é a *prática empírica* que conduz nossa capacidade de *livremente* postular fins e valores, como entendem os materialistas. Ao contrário, é a razão que torna a *praxis* humana “autodeterminada” nas suas atuações sobre a realidade, pois só a razão é *universal*. A técnica também é liberdade humana *realizada*, igualmente *finalística*. E a ação técnica é desdobramento real, efetivo, da *praxis* humana.

Se trouxermos esta reflexão para o plano da Filosofia da Técnica (e da Tecnologia), a *passagem* e a *mediação* mencionadas na díade *ethos/praxis* não é um movimento interno, mas externalizado, efetivado pela tecnicidade - elemento *mediador* da integração do humano ao real. A concepção metafísica de liberdade como realização do sujeito na forma de *praxis ética* conduzida por *fins*, não considera o *operar técnico* como parte igualmente elevada desse processo. Verdade seja dita: o operar técnico realiza o sujeito tanto quanto a ação ética, pois o operar é o modo de *acessarmos* o mundo e nele nos *realizarmos* como seres capazes de universalizar regras de conduta e regras do fazer neste mundo concreto, o qual habitamos com corpos concretos que são guiados por *dimensões* da mesma inteligência, *variações* da mesma racionalidade.

Com Lima Vaz (Vaz, 2000), assumimos que a inteligência humana tem três dimensões, que são variações da razão, as quais são caracterizadas segundo os *fins* postulados pela *ação* (livre), quais sejam:

- i) a razão *poiética*, voltada para o *produzir* coisas (dita razão *fabricadora*);
- ii) a razão *prática*, que é a forma da razão na qual se exprimem os fins morais do *agir* humano e suas normas;
- iii) e a razão *teórica* (ou razão *demonstrativa*), destinada a entender os fenômenos e dominá-los, formando as *ciências*, capacidade cognoscitiva que se desenvolve posteriormente às duas anteriores (que são *equioriginárias*).

Explica Lima Vaz (2000) que a atividade técnica, segundo uma interpretação que remonta a Aristóteles, é a primeira habilidade humana, a qual *aproxima* o homem (*homo habilis*) do animal. A atividade prática (ou *ética*), por seu turno, *eqüioriginária* à técnica, é o diferencial que *separa* radicalmente o homem (*homo sapiens*) do animal. Em suas palavras (Vaz, 2000, pp. 26 e 28),

Na formação das capacidades cognoscitivas do indivíduo e na história dos grupos humanos, a *razão prática* antecede a *razão teórica* e é, sem dúvida, eqüioriginária com a *razão poiética* ou fabricadora. *Fazer* e *agir* são as duas primeiras atividades humanas conduzidas pela razão e que se manifestam simultaneamente na história das sociedades e dos indivíduos (...) A pré-compreensão das regras primitivas do *fazer* que caracterizam o *homo habilis* admite analogias com as habilidades técnicas do animal, ao passo que o *agir* é atributo exclusivo do *homo sapiens*. Nele está inscrita, mesmo em suas formas mais rudimentares, a pré-compreensão das razões normativas do agir.

Veja-se que há uma subalternização do “fazer” evidenciada nesta comparação entre as *habilidades* humanas, como se o humano não fosse *hábil*, *ágil* e *sapiente* ao mesmo tempo; como se *todas* as habilidades não fossem condição da sua existência como tal. Passamos à distinção entre o emprego das palavras “*técnica*” e “*poiética*” (daí referir-se a uma *razão poiética*) a partir da distinção grega entre *téchne* e *poiesis*, para colocarmos sob suspeita esta inferiorização do *fazer*, como se ele não fosse também *agir*.

A definição de técnica nos é apresentada por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* como uma das *disposições* da alma ou uma forma de racionalidade: a arte (*téchne*). A arte, no sentido grego da palavra, que engloba também o que hoje se entende por técnica, é a *disposição* que, acompanhada da razão (*logos*), *dirige* o produzir, ocupando-se daquilo que pode ser *produzido* (*poietôn*). Ela se distingue da *phrónesis* (sabedoria prática, prudência) enquanto disposição que, igualmente acompanhada da razão, *dirige* o agir (*praktón*). Eis as díades estabelecidas: *phrónesis/praktón*, *téchne/poietôn*.

A diferença entre estas disposições é o fim a que buscam. O fim da técnica é *diverso* do ato da sua execução: o seu fim é o *produto*. Por outro lado, o fim da prudência é a *própria* ação virtuosa, e para Aristóteles é muito óbvio que a ação não se confunde com a criação, e vice-versa. (Aristóteles, 1992: 173). A distinção entre ação (*praxis*) e produção (*poiesis*) é que a ação se exaure *em si*, não produzindo nenhum objeto diverso dela mesma, enquanto a produção, por sua vez, dá lugar a um *objeto*, realidade que se distingue da própria ação, que é o produto (Berti, 1998, p. 157). Como arremata Lima Vaz (1999, p. 116-117 e 1993, p. 36)

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Nas ciências *teóricas* e *poiéticas*, o fim é a perfeição do *objeto*: ou a ser contemplado em sua *verdade* na teoria, ou a ser fabricado em sua *utilidade* na *poiesis*. Na ciência da *praxis* ou ciência *prática*, o fim é a perfeição do *agente* pelo conhecimento da natureza e das condições que tornam *melhor* ou *excelente* o seu agir (*praxis*) (...), [cuja] natureza essencialmente axiogênica da ação humana, seja como agir propriamente dito (*praxis*), seja como fazer (*poiesis*) [, o] dualismo estrutural da ação mostra uma distância ineliminável que nela se estabelece entre o conteúdo e a significação, entre o dado e a intenção, entre o determinismo imanente ao objeto da ação e o finalismo do agente.

É diverso o momento da atividade de *pensar como* fazer segundo um *comando* do intelecto (técnica) e o momento de *se colocar a fazer*, a executar, deixando-se *guiar* pela realidade (*poiesis*). Mas trata-se de *momentos* de um mesmo processo, no qual a racionalidade está presente como guia *teleológico* da ação. Na leitura simondoniana (1989, p. 103), o *operar* técnico sobre a realidade *liberta* o humano da (sua) situação de submissão a um *telos* da *totalidade* do mundo, vez que, dessa forma, ele se insurge contra uma finalidade do *todo*, aprendendo a construir sua *própria* finalidade, segundo o que ele mesmo aprecia e julga ser o *telos* do seu *próprio todo* organizado.

Ao não admitir sua integração passiva à *facticidade*, o ser humano molda sua própria estada no mundo, e sua morada (*ethos*) é moldada nessa processualidade em face do mundo, sem sucumbir à condição fática, como os outros seres. E a atividade técnica é a finalidade humana *concreta* que externaliza sua interioridade, possibilitando ao ser humano *pertencer* a uma coletividade como nenhum outro ser vivo. Ele constrói, como pondera Rodríguez (2020b, pp. 27, 23), seu *próprio* mundo “a partir de criações incessantes de um interior e um exterior”, na condição de corpo vivo portador de *ferramentas* que é, conferindo à matéria inerte seu caráter por meio da finalidade.

A concepção simondoniana de mundo mediado pela técnica abre nosso horizonte para uma nova forma de humanismo: um *humanismo transgressor* ao contemplativo da filosofia humanista tradicional.

3. Simondon contra o humanismo *contemplativo*: a *tecnicidade* como vereda da *autoconsciência*

Simondon, segundo Rodríguez (2020b, p. 22), quer denunciar o preconceito *inútil* da filosofia contra a técnica, que só fez nos impedir de situá-la como fundamental na conformação da experiência humana rumo a sua autoconsciência. Este preconceito gerou um “ressentimento em relação à técnica, graças a um ‘humanismo fácil’ que ignora a realidade

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

humana em objetos e sistemas técnicos, e especialmente nas máquinas”. Nas palavras do autor (*Ibid.*, 2020, pp. 22-23):

Um dos fatos decisivos da modernidade é a extensão das máquinas, esses “seres que atuam” de modo particular, excluindo o homem da atividade técnica. [...] Contudo, a generalização das máquinas, que são uma realidade estritamente humana, inaugura uma fase na história em que o caráter técnico do homem não é mais o de emprestar seu corpo vivo à organização técnica, mas o de manter com o técnico “uma relação social”. [...] O motor a vapor, a bomba atômica ou as biotecnologias só podem provocar medo, desprezo ou reflexão equidistante (“não são bons nem ruins, depende do que se faz com eles”) a partir dessa lacuna no próprio pensamento do humanismo: julgar o homem na relação com a técnica pelo que já não é e acusar a técnica por isso.

O que o humanismo ignora é que o “manuseio” do mundo é também liberdade, e essa condição permite a diferenciação, na experiência da consciência rumo à *descoberta de si*, entre as relações *humano-mundo*, *humano-humano* e *humano-si* (autoconsciência). Em outras palavras: o despertar da consciência como experiência intelectual, que *pari passu* se descobre como *praxis* humana ética, é também consciência *poiética*, visto que esse “despertar” da consciência em sua *praxis* ética é antecedido por uma *indistinção* entre o que se percebe externamente e o que se percebe internamente. E a fase da autoconsciência é justamente a de sua *autopercepção* como *objeto interior*, aí, sim, sem qualquer mediação por objetos exteriores percebidos diretamente pelos sentidos. Sem esta mediação *poiética*, não é possível a percepção da consciência como seu *próprio objeto*, isto é, como autoconsciência. Tal é possibilitado pela *operação técnica*, que propicia, por sua vez, a *objetificação* do mundo e a *subjetificação* da consciência, levada a efeito pela *analogia* objetificante operada no interior da própria consciência

A autoconsciência revela-se, assim, como o resultado de um processo em que o saber de um exterior se transforma em saber de um interior e este, de novo, se volta para o exterior, *expandindo* seu conhecimento e oferecendo, portanto, novas pistas sobre o interior. É por esta interminável orientação sobre o mundo e pela auto-orientação em geral que é produzido o conteúdo de todo o conhecimento científico. Esta é a experiência *intelectiva* da existência humana em sua *totalidade*, e a razão *poiética* não está fora da *processualidade* dessa existência, que, entre externalidade e internalidade, *produz* conhecimento sobre o mundo e *se percebe* nele como conhecimento de si. Nas palavras de Ernst Kapp (1877, p. 23):

Das Selbstbewusstsein erweist sich demnach als Resultat eines Processes, in welchem das Wissen von einem Aeussern zu einem Wissen von einem Innern umschlägt. Dieses Wissen, wieder auf das Aeussere sich kehrend, und dessen Kenntniss erweiternd, giebt hinwiederum neue Aufschlüsse über das Innere und producirt in dem endlosen Herüber und Hinüber der Orientirung über die Welt und der Selbstorientirung überhaupt den Inhalt alles Wissens, die Wissenschaft.

Nesse mesmo sentido, Jacques Ellul (1990), que parece pessimista com relação ao fenômeno técnico, também admite que ele é *manifestação e potencialização* da liberdade humana, já que todo o progresso técnico corresponde ao desejo da raça humana de *dominar* o mundo, desde o controle do fogo e das águas, até o desejo de voar como pássaros. O humano assim sempre atuou porque sua natureza única o impeliu a *modificar* o mundo para *aumentar* sua liberdade a cada avanço técnico desejado e concretizado.

Ellul (1990) indaga se somos mais livres hoje do que no passado, já que podemos realizar nossos desejos pela escolha das nossas satisfações entre centenas de objetos técnicos, movendo-nos pelos quatro cantos do mundo e nos *libertando* do trabalho árduo e repetitivo. E sua resposta é (*Ibid.*, 1990, p. 126): ora, “não é liberdade escapar à antiga sentença bíblica [de] que devemos trabalhar e ganhar o nosso pão com o suor do nosso rosto (...)?”. Transcrevemos aqui as belíssimas palavras de Ellul (*Ibid.*, 1990, p. 126), uma ode à libertação humana *pela/através* da técnica:

One might also note that all technical progress is said to correspond to a basic desire of the race from the very first. We always wanted to fly like birds and control fire and plumb the ocean depths, and- if anyone throws prudent doubt on such assertions the answer is triumphant: We wanted it because we did it. In all the vast array of techniques exploding on every hand we human beings with our unique nature and genius and sovereign freedom are the ones who wanted it. It is our free will that has produced it all. And if we were free, we will now be even more so thanks to these aids. There can be no concessions on this point. Human freedom supposedly increases with every technical advance. This is perfectly clear and simple. We can do what we could not do before; is that not freedom? For each wish we can now choose among a hundred objects that might meet it; is that not freedom? We have great labor-saving devices; is that not freedom? Is it not freedom to escape the ancient biblical sentence that we must work and earn our bread by the sweat of our brow (Gen. 3:17-19)? We can now move easily and swiftly from one point to another. Is that not freedom? Each year we have new hopes for life. Is that not freedom?

Simondon não pretende desenvolver uma mera teoria da técnica, mas apresentar uma leitura ousada da *existência* humana, perpassada pela *tecnicidade*, propondo uma ontologia que pense a dinâmica da realidade de uma forma diversa da filosofia tradicional,

sempre sustentada em cisões estabelecidas, como, v.g., as categorias da *forma* e da *matéria*. Simondon toma a processualidade do real, considerando a tecnicidade como uma *exigência* para que o movimento entre sujeito e mundo se *perfaça*, propondo, assim, uma improvável e autêntica reflexão *filosófica* sobre a técnica. E, para tanto, ele está disposto a descartar noções arcaicas da filosofia tradicional em prol de um sistema filosófico *pós-metafísico* ou *über-metafísico* (Carrozzini, 2009, p. 40) que, a seu turno, busca uma nova forma de pensar o humanismo.

Carrozzini (2009) entende que Simondon trouxe uma nova roupagem para o humanismo, não admitindo seu enquadramento no postulado humanista tradicional. Isto porque ele empreende tomar a tecnicidade como *valor* humano, tal como o valor atribuído à *eticidade*. Vale dizer: não é possível eticidade (*sittlichkeit*) sem tecnicidade (*technikkeit*). Nesse sentido, ele argumenta (*Ibid.*, 2009, p. 32) que se trata de uma outra forma de humanismo:

[...] c'est un humanisme difficile, comme l'a déjà souligné Jean-Hugues Barthélémy, et c'est un humanisme qui produit une image organique et organisée de l'homme, en tant que produit et porteur de (la) culture, d'une culture qui abandonne ses réticences à l'égard de la valeur humaine – je dirais "éthique" – des techniques.

Segundo o próprio Simondon (1989, p. 101-102), cada época recria um humanismo. Ele entende que o humanismo é “a vontade de devolver à liberdade aquilo que foi alienado do ser humano, para que nada do que é humano seja estranho ao homem”. Eis por que o humanismo não pode ser considerado uma *doutrina*, ou sequer pode ser definido com precisão: cada época tem que descobrir o seu *próprio* humanismo como antídoto contra a alienação do humano naquele momento, isto é, contra o perigo que é a *subtração* de parte da humanidade dos indivíduos em cada época.

Por exemplo, o Renascimento criou um humanismo que visava a trazer de volta para os homens da época a *liberdade* de pensamento intelectual teórico que foi alienada do humano pelo *dogmatismo* ético e intelectual do medievo. Do mesmo modo, o século XVIII se encarregou de criar um humanismo que resgatasse, pela ideia de progresso, a *nobreza* da continuidade criativa que o humano empreende ao se esforçar para *aplicar* seu pensamento às atividades técnicas. Já o desafio do século XX foi criar um humanismo capaz de compensar a *alienação* do humano ocorrida no próprio processo de desenvolvimento técnico, já que é subtraído algo da humanidade dos indivíduos dessa época.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

Mesmo tendo garantido o direito à *iniciativa* técnica (como continuidade criativa que constitui o progresso) contra as forças sociais antiprogressistas nos séculos anteriores, agora a alienação passa para o *interior* do próprio desenvolvimento das técnicas, visto que a sociedade passa a produzir e exigir a atuação humana em técnicas *específicas*. Dessa forma, o problema enfrentado pelo século XX foi a subtração da liberdade de *iniciativa* sobre a técnica, visto que esta passou a ser operada por especialistas, cerceando, por conseguinte, aquela *continuidade* criativa de aplicação do pensamento às técnicas. Trata-se de mais uma forma de alienação do humano de algo que era próprio do seu *status libertatis*, exigindo, portanto, mais uma empreitada humanista de *resgate* do que é próprio do humano e que deve ser comum a todos os humanos. Nas palavras de Simondon (1989, p. 101):

La Renaissance a défini un humanisme apte à compenser l'aliénation due au dogmatisme éthique et intellectuel; elle a visé à retrouver la liberté de la pensée intellectuelle théorique ; le XVIII^e siècle a voulu retrouver la signification de l'effort de la pensée humaine appliquée aux techniques, et a retrouvé avec l'idée de progrès la noblesse de cette continuité créatrice qui se découvre dans les inventions ; il a défini le droit de l'initiative technique à exister malgré les forces inhibitrices des sociétés. Le XX^e siècle cherche un humanisme capable de compenser cette forme d'aliénation qui intervient à l'intérieur même du développement des techniques, par suite de la spécialisation que la société exige et produit.

Desde as técnicas primitivas, que vão do manejo da *pedra*, do *osso*, do *fogo* e da *linguagem*, o ser humano *projetou* seu próprio *corpo* como meio de operar sobre a realidade - como propõe a *teoria da projeção de órgãos* da Filosofia da Técnica de Ernst Kapp (Kapp, 1877). A *palavra* falada foi, inicialmente, um substituto para a *ação*, uma forma de comandar pelo *grito* em vez de atuar sobre a realidade com os próprios *membros*. Eis a razão por que o uso *modulado* da voz em palavra pode ser considerado a primeira técnica humana, antes mesmo da criação de instrumentos como extensão do corpo (Ducassé, 1944, p. 11). Foi ela que possibilitou ao ser humano ser dono do *interior* dos seus atos, logo, do seu próprio *pensamento*. Eis que ele percebeu que poderia ser, pelo uso do órgão “laringe” (a “caixa vocal” do corpo), seu próprio ouvinte, chegando a ser o que é pela palavra interior, isto é, um ser que fala das suas ações e executa suas palavras. Segue a belíssima passagem da obra de Pierre Ducassé (1944, p. 11) sobre a história das técnicas:

Mientras el fuego y la herramienta daban al hombre la llave de las transformaciones materiales, es decir, el secreto de la acción sobre el mundo exterior, la palabra lo haría dueño interior de sus actos y por consiguiente de su propio pensamiento. [...] Su importancia se torna decisiva cuando el individuo advierte que puede ser su

propio oyente: oyente silencioso y secreto, pero extraordinariamente atento y eficaz. De este modo, gracias a la palabra interior, el hombre ha llegado a ser lo que es, un ser que “habla” sus acciones y que “ejecuta” sus palabras.

Nessa perspectiva técnica, ao *recordar* os atos executados e *executar* igualmente a *mímica interna* de novos atos antes de serem executados, o ser humano é, além de inteligente, um animal. De modo que há uma ligação indissociável entre a atuação e a técnica na *relação* de fim e meio. Isso de uma tal maneira, que a técnica empreendida na ação de falar, é meio para o pensar, sendo a palavra o *ente técnico* que atua nesse processo. Ainda com Ducassé (*Ibid.*, p. 11):

Capaz de recordar los actos pasados y de hacer interiormente la mímica de todos sus nuevos actos antes de ejecutarlos, el hombre ya no es sólo un animal inteligente, es un animal que sabe y quiere ser inteligente, que puede “pensar” su conducta. De esto resulta que la concepción del fin que se desea alcanzar se liga netamente con los medios empleados: la voluntad de actuar, con la técnica de la acción.

Os atuais filósofos da tecnologia, inspirados, em certa medida, pela guerra heideggeriana declarada contra a metafísica para decretar o seu fim (Santos, 1982), entendem que a filosofia, na sua versão mais festejada, a Metafísica, desprezou a experiência técnica, como de resto, desprezou qualquer forma de experiência empírica, *transcendentalizando* completamente a *inteligência* humana. Aqui é necessário o cotejo da ideia de *transcendência* para cumprirmos o itinerário crítico a que nos propusemos quanto aos *rumos* da Filosofia da Tecnologia, a partir do legado simondoniano. A seguir, partimos de uma possível conexão entre *tecnicidade* e *transcendência*, para alinhavarmos os últimos aditamentos ao legado simondoniano, inspiração para enfrentarmos os “fantasmas tecnológicos” já anunciados no limiar desta segunda quadra de século.

4. Aditamentos finais: o legado simondoniano e os desafios da *era tecnológica*

Por sua própria natureza, a *praxis* humana, como visto com Lima Vaz, confirma a *transcendência* humana em qualquer aspecto a que se dirija a ação humana, o que dialeticamente sempre resultará no retorno sobre si como efetivamente livre - já que cada ação que objetifica o mundo é *afirmação* da liberdade de objetificá-lo. A atividade técnica não foge a este destino e a afirmação da contemplação como *telos* maior da existência humana não aniquila os *modos* por *meio* dos quais a contemplação é *alcançada*. Sendo o ser humano, ao mesmo tempo, livre e sujeito a diversas *carências*, a técnica se revela como o

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

modo de *suprir* suas necessidades (Agazzi, 1998), desde a produção de *instrumentos* manejados por seu corpo até a mais ousada produção, que traz sua efetiva libertação: a criação da *máquina*, destinada a *substituí-lo* na execução de atividades que antes eram exercidas por seu *próprio* corpo. Esta é uma constatação ignorada pela filosofia, a qual *finitiza* a experiência técnica, segundo a tradicional leitura aristotélica, que barateia o conceito de técnica como uma atividade que não se destina a *realizar* o humano.

Ora, a técnica realiza o ser humano, não só para satisfazer suas necessidades *imediatas*, mas também para realizar uma teleologia que *permeia* a própria natureza humana, qual seja, a da *simbolização* do real. Este é o sentido que guiou a reflexão sobre a técnica como tecnicidade em Simondon, ao considerar a produção, antes de tudo, como ato *finalístico* que realiza significações, seja de objetos físicos, seja de objetos culturais - na verdade, os físicos já estão impregnados de cultura, justamente pela simbologia deles constitutiva. A Filosofia da Técnica, tal como nos é apresentada por Simondon, também se destina a refletir sobre os feitos *concretos* do humano, do humano *situado* que só se torna o que é *produzindo* objetos diversos, isto é, o **humano concreto**. E precisamos pensar a nossa humanidade efetiva no momento em que nos situamos **agora**.

O aspecto mais importante da realidade experimentada neste momento por nossa civilização, na virada do século XX para o século XXI, é a evolução *hiperacelerada* da tecnologia e a inserção dos seus feitos em absolutamente *todos* os domínios da existência humana. Todos nós, há décadas, nos beneficiamos dos resultados entregues por máquinas de lavar roupas, liquidificadores, aviões, televisores etc., mas não saímos por aí com suas versões miniaturizadas conduzindo cada passo do nosso cotidiano, pautando cada escolha de nossas vidas.

O advento do computador, *máquina digital sintática* (Wiener, 1961), idealizada para projetar o cérebro humano (tal como a “lava roupas” projeta nossos braços, o “liquidificador” nossos dentes e o carro “nossas pernas”) é o estado da arte do desenvolvimento maquínico, objeto técnico protagonista absoluto da tecnicidade presente. A máquina computacional é equivalente ao impacto que a agricultura, na região do Crescente Fértil no Oriente Médio, há mais de 12 mil anos, provocou na existência do *homo sapiens*,

que foi radicalmente alterada da caça/coleta para a colheita, possibilitando o surgimento da *civilização* tal como conhecemos.

Hoje falamos em tecnologia e técnica como se fossem *equivalentes*, substituindo paulatinamente o uso da palavra técnica pela palavra tecnologia, ao ponto de não sabermos mais diferenciar ambas. Na maioria das vezes preferimos o emprego do adjetivo “tecnológico” para qualificar vulgarmente um tipo de técnica: a *técnica avançada* que nos possibilitou substituir, no século passado, máquinas *analógicas* por máquinas *digitais*. Passamos a nos referir à “era tecnológica” como aquela na qual as máquinas digitais alcançaram sua performance mais refinada, sendo o feito maior e mais radical da *evolução maquínica*. Daí também nos referirmos à “era digital”, expressão imprópria que define nossa *situação histórica* por uma mera técnica de *funcionamento* de aparelhos eletrônicos (digitais) - o que nos leva a pensar em uma *era do fogo*, uma *era do relógio*, uma *era da máquina a vapor*, uma *era da eletricidade* etc. (Esta crítica exigiria outra abordagem, inadequada aos propósitos deste artigo. Para acessá-la, vide (Brochado, 2023, p. 274 *et seq.*; p. 313 *et seq.*).

Para uma crítica da era dita “tecnológica” e do estágio atual da inteiração *homem-máquina*, anotamos duas relevantes constatações:

i) a primeira é a noção de que ao manipular o mundo e criar objetos técnicos, estamos nos *mimetizando*, descobrindo-nos e, talvez, como adverte Jacques Ellul (1968), deixando-nos (nos) transformar em *animais técnicos*;

ii) a segunda diz respeito à interpretação que os autores que se debruçam sobre a experiência técnica hoje fazem dela. Há os que veem na “relação” homem-máquina um caminho salvífico para a humanidade; há os que, ao invés disso, acreditam que a radicalização dessa relação, pelos atuais expedientes tecnológicos de altíssimo impacto, poderá ocasionar a extinção da humanidade como a conhecemos.

Estes dois grupos, definidos por excessivos otimismo e pessimismo, representam, ao termo e ao cabo, as visões do *senso comum* atual, as quais podem ser agrupadas em dois grupos: i) os que têm verdadeira adoração por artefatos tecnológicos e certo encantamento fetichizado com o estágio que a produção tecnológica atingiu neste século; ii) os que, mesmo se utilizando de todos os meios técnicos disponíveis, demonizam a evolução tecnológica por ela ter criado condições para a intensa maquinização da vida (virtualizada como nunca o foi,

frise-se), o que acarretará danos irreparáveis aos humanos, inclusive com o domínio *robótico* das nossas vidas. O primeiro grupo é o dos chamados *tecnófilos* e o segundo é o dos nomeados *tecnofóbicos*.

Os tecnófilos são simpatizantes do processo galopante e *sem limites* de tecnologização da vida (alguns preferem falar em *artificialização da vida*), que nos promete máquinas como algo mais que *artefato útil*, mas sim como meio de libertação das condicionantes mundanas que *precarizam* nossa existência com todo o tipo de limitações, desde desconfortos e doenças, e até a morte. Nessa perspectiva, a máquina é tomada como entidade que *expande* nosso conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos, tal como anunciou Simondon, tornando nossa existência orgânica cada vez mais *acoplada* a máquinas, o que a torna, por conseguinte, mais digna, próspera e plena.

Já os tecnofóbicos se dividem entre os que, com certa nostalgia bíblica escatológica, creem no irreversível *domínio* maquínico sobre a humanidade (versão atualizada do *apocalipse* terreno, que nos transformará em algo não reconhecível como humano); e, por outro lado, pelos que procuram uma *mediania* menos fóbica, que admita a óbvia condição em que nos encontramos, mas busque compreender *todo o processo* que nos trouxe até aqui para propor saídas *éticas* e *sustentáveis* para o impacto tecnológico (amenizando os feitos que *intensificam* a inteiração humano-máquina).

Entre simpatizantes da tecnologia e fóbicos a ela, voltamos a Ellul (1968): com ela não estamos nos deixando levar para uma *animalização tecnologizada*, em suas palavras, nos transformando em um *animal técnico*? O binômio homem-máquina nunca foi tão radical como agora: uma crescente *maquinização humana* tem se deixado acompanhar, igualmente, pela *humanização de máquinas* (a Robótica não nos desmente com seus protótipos *humanoides*).

Ascendemos a um patamar civilizacional em que a técnica ultrapassou em muito os *limites* da ética e da contemplação, arrastando-nos rumo a uma catarse operacional que chega a nos convencer de que há *inteligência artificial* dividindo conosco o *status* que era, até então, exclusivo de indivíduos humanos. A grande novidade é: a *computação cognitiva* nos trouxe objetos que simulam nossas habilidades cognitivas, consideradas *entidades autônomas*, mitificadas por todo o globo. Estamos diante do *objeto técnico* mais humano que

já foi criado, exigindo, no plano da tecnicidade, uma nova solução para este aparente problema entre humano e natureza.

A questão, aqui, é considerar que tal problema não é de ordem *técnica* e, sim, de ordem *ética*: objetos técnicos têm sido arquitetados como *subjetividades*. Esta *inversão* de valores da nossa cultura gera uma *defasagem* que desequilibra nossa relação com o mundo, à medida que desconsidera a *transcendência* humana como protagonista do processo *criativo*. Esta situação histórica exige uma nova resposta da tecnicidade, segundo um humanismo que resgate a transcendência como *poiésis* e *phrónesis*. Na contramão desta hipótese, o que temos testemunhado é a sua redução a uma teleologia tecnocientífica que desestabiliza o *ethos* humano, hoje carente de *universais*, pautado por condicionamentos reais que nos fazem crer que o *homo sapiens* pode ser reproduzido como *homo technicus*.

O diferencial que nos destacava face a outros seres da natureza, a *natureza humana*, hoje é simulada como *natureza maquínica*, na forma de entidades antropomorfizadas (algo de difícil enquadramento na noção de *objeto técnico*). Sem mencionar que ela está sob ataque das ciências do *cérebro* e vem sendo considerada categoria *metafísica* imprestável à explicação de que este (o cérebro) é a sede real desta tal “natureza humana”. Consideram-na nada mais que *sinapses neuronais*, sujeitas à causalidade, como qualquer outro fenômeno natural, reduto epistemológico das neurociências. Enfim, a técnica superou a metafísica ao destituir do humano aquilo que definia sua humanidade.

Esta é a encruzilhada diante da qual nos encontramos: a técnica é rainha soberana da era tecnológica e faz-nos falta a *contemplação*, atividade intelectual descomprometida com o *produzir*, tal como fora um dia entendida pela filosofia metafísica: a elevação maior das faculdades humanas. Como a *tecnicidade* do tempo presente vai superar este *obstáculo* inédito e reequilibrar o *sistema* da cultura atual contra a *defasagem* que confunde sujeito (*produtor* de objetos) e objeto (*produzido* por sujeitos) - categorias que passam a se *equivaler*, na contramão da doutrina simondoniana-, eis nossa dúvida maior, nosso receio mais aterrador.

Conclusão:

Neste ensaio foram expostos aspectos relevantes da Filosofia da Técnica na obra de Gilbert Simondon, colocando sob suspeita a definição do humano como um ser

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

vocacionado à *contemplação*. A obra de Simondon inspira uma reflexão filosófica comprometida com o enfrentamento da *tecnologização* presente na atualidade, pois é uma excelente chave compreensiva das críticas trazidas ao progresso técnico pela Filosofia da Tecnologia, que hoje ganha espaço e reconhecimento nos debates filosóficos.

Entre *tecnófilos* e *tecnofóbicos* há um pano de fundo hermenêutico comum às formas de se entender o *progresso tecnológico*. No ponto em que nos encontramos, é importante admitirmos que há uma crescente e radical inteiração entre máquinas e humanos, apontando a máquina como *protagonista* absoluta dos processos de tecnologização da vida humana - “inteligência” e “consciência” artificiais são exemplos desta mitificação, fruto do *mecanocentrismo* por nós herdado.

Infenso a excessos no trato da questão da *usabilidade* dos artefatos tecnológicos hoje, o propósito deste texto é lançar atenção especial para a essência histórica do fenômeno *técnico* em nossa civilização, tal como sempre receberam destaque o *teórico* e o *ético*.

Uma reflexão responsável sobre o tema exige a assunção de que, em que pese nossa civilização seguir um ritmo sempre *impactado* por alterações mais ou menos *radicais* a cada período, a chamada *revolução tecnológica* traz uma ruptura na forma como nos situamos no mundo e nele nos relacionamos segundo uma *dependência* técnica radicalizada em cada detalhe das nossas vivências, o que, sem qualquer catastrofismo, nos alerta para a ausência de precedente histórico equivalente em todas as outras ditas “revoluções” da humanidade.

Que a leitura da obra de Gilbert Simondon seja um farol neste labirinto das novas engrenagens da “era digital”, agora tão miniaturizadas, antropomorfizadas, virtualizadas e ubíquas. Que esta homenagem reanime o debate sobre a Filosofia da Tecnologia no Brasil, ofertando ao leitor brasileiro o melhor da Filosofia da Técnica do século XX: o legado de Simondon.

Referências

AGAZZI, Evandro. El impacto epistemológico de la tecnología. In: *Argumentos de razón técnica*, Universidad de Sevilla, n. 1, p. 17-31, 1998. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/21682>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

BROCHADO, Mariah. Inteligência artificial e ética: um diálogo com Lima Vaz. In: *KRITERION*, Belo Horizonte, no 154, abr./2023a, p. 75-98.

BROCHADO, Mariah. *Inteligência artificial no horizonte da filosofia da tecnologia: técnica, ética e direito na era cybernética*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2023.

BROCHADO, Mariah. Prolegômenos a uma Filosofia Algorítmica Futura Que Possa Apresentar-se Como Fundamento para um Cyberdireito. In: *Revista de Direito Público-RDP*, Brasília, Volume 18, n. 100, pp.131-170, out./dez. 2021.

CARROZZINI, Giovanni. Gilbert Simondon et Jacques Lafitte: les deux discours de la 'culture technique'. In: BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues. *Cahiers Simondon*, n. 1. Collection Esthétiques – Série 'Philosophie', 2009. p. 25-45.

DUCASSÉ, Pierre. *Historia de las técnicas*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1944. Disponível em: <http://www.librosmaravillosos.com/historiadelastrnicas/index.html>. Acesso em: 8 jul. 2025.

DUQUE, Félix. *El mundo por de dentro: ontotecnología de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1995.

DUSEK, Val. *Philosophy of technology: an introduction*. Malden/Oxford/Carlton: Blackwell Publishing, 2006.

ELLUL, Jacques. *A técnica e o desafio do século*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

ELLUL, Jacques. *The technological bluff*. Translated from the French by Geoffrey W. Bromiley. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990.

ESPOSITO, Maurizio. En el principio era la mano: Ernst Kapp y la relación entre máquina y organismo. In: *Revista de Humanidades de Valparaíso*, Valparaíso, n. 14, p. 117-138, 2019. Disponível em: <https://revistas.uv.cl/index.php/RHV/article/view/1942/2053>. Acesso em: 8 jul. 2025.

FEENBERG, Andrew. O que é a filosofia da tecnologia? In: NEDER, Ricardo T. (Org.). *A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/CDS/UnB/Capes, 2013.

HEGEL. *Grundlinien der Philosophie des Rechts*. Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse Zum Gebrauch für seine Vorlesungen. Amazon: Createspace Independent Pub, 2013.

KAPP, Ernst. *Grundlinien einer Philosophie der Technik: zur Entstehungsgeschichte der Kultur aus neuen Gesichtspunkten* (1877). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2015.

KURZWEIL, Ray. *A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia*. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Itaú Cultural; Iluminuras, 2018.

MITCHAM, Carl. *Thinking Through Technology: The Path Between Engineering and Philosophy*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1994.

RODRÍGUEZ, Pablo Esteban. Um novo modo de existência (Prefácio). In: SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b, p. 11-34.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. Heidegger e a questão do "fim da Metafísica". In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. T. 38, Fasc. 4, Actas do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia oct. - dec., 1982), p 742-756.

SIMONDON, Gilbert. *L'homme et la machine*. In: COUFFIGNAL, Louis. In: Actes du 6^e Colloque Philosophique de Royaumont (1962) Paris: Gauthier-Villars; Les Éditions di Minuit, 1965. p. 100.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Tradução de Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020a.

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Editions Aubier, 1989.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia II: ética e cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia IV: introdução à ética filosófica 1*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Escritos de filosofia V: introdução à ética filosófica 2*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WIENER, Norbert. (1948). *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. New York: The Technology Press, 1961.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 14	n. 37	Maio – Agosto 2025	p. 144 - 168
--------------------------	--------	-------	--------------------	--------------